

O Não Humano e o Humano na Trama do Espaço-Tempo em *Desencontro*

(2011) de João Uilson Vieira Filho

Ronilson de Sousa Lopes¹

Heloisa Helena Siqueira Correia²

Resumo: O presente artigo tem como pressuposto uma leitura capaz de desconfiar do antropocentrismo textual que os olhos do leitor acompanham regular e automaticamente, principalmente quando o protagonismo narrativo está nas mãos de um personagem protagonista narrador. Tal leitura permite perceber que os elementos que, muitas vezes, a construção dos textos literários colocam em condição lateral ou secundária, como os elementos não humanos, por exemplo, podem ser, a depender da leitura que se faça, participantes da trama principal e humana. A partir de tal postura de leitura, objetiva-se pesquisar as intersecções entre a sensibilidade do protagonista humano e a atuação dos seres e fenômenos não humanos no romance *Des/encontro* (2011) do escritor cearense João Uilson Vieira Filho, construindo uma perspectiva que identifica no espaço-tempo narrativo os veios dessas intersecções. Para isso, faz-se necessário dupla abordagem: uma que se volte predominantemente ao movimento espaço-temporal da narrativa, experimentado pelo personagem em estado consciente e pré-consciente; e outra que perceba o modo como os elementos não humanos integrantes do espaço-tempo se relacionam com o humano e conseguem afetá-lo ao longo da narrativa, dada sua convivência ambiental, o que quer dizer, também, que há uma sintonia entre o que ocorre dentro e fora do personagem. Este texto dialoga com o livro *Poéticas do espaço literário*, de Oziris Borges Filho, para a compreensão do espaço; textos que refletem sobre o tempo, como *O tempo na narrativa* de Benedito Nunes; e obras como *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*, de Luc Ferry, e *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*, de Leonardo Boff, que fornecem matéria para a reflexão acerca das relações entre humanos e não humanos.

Palavras-chave: Literatura. Narrativa. Humano. Não humano.

The non-human participation in the human plot: an inflection of anthropocentrism in *Des/encontro* (2011) by João Uilson Vieira Filho

Abstract: The present article aims to throw a suspicious light on the pervasive anthropocentrism that regular and automatically guides the reader's response to a text, particularly on first person narratives. Such perusal leads to the perception that ingredients commonly considered secondary to the story — for example, the non-human elements — can have a very important role in the central (and human) plot. From that point of view, this study will search for relevant intersections between the protagonist's human sensitivities and his non-human counterparts in the novel

¹Pós-Graduação em Educação Profissional Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM; Mestrando em Estudos Literários da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: lopespav@yahoo.com.br

² Professora associada da Universidade Federal de Rondônia, atua no curso de graduação em Letras e no Programa de Mestrado em Estudos Literários. É membro da ASLE- Brasil e do GT ANPOLL “Vertentes do insólito ficcional”.

Des/encontro (2011) — by Ceará-born author João Uilson Vieira Filho —, in a way that it is evident for the reader where those intersections occur within the narrative. To that aim, a double approach is called for: one which focus on the space-time movements of the protagonist along the narrative, in both his conscious and pre-conscious states; and another, which will demonstrate how the non-human elements present in the story relate to and affect the human ones, revealing a synchronicity of what happens within and without the character. This study refers to *Poéticas do espaço literário*, by Oziris Borges Filho, for the understading of space; *O tempo na narrativa*, by Benedito Nunes, which discusses the different conceptions of time. Also, *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*, by Luc Ferry, and *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*, by Leonardo Boff, which hopefully will stimulate some insights on the relations between the human and the non-human.

Keywords: Literature. Novel. Human. Non-human. João Uilson Vieira Filho.

1. Primeira aproximação

A obra *Des/encontro*³, de João Uilson Vieira Filho, conta a história presente e futura do narrador personagem e protagonista Lancimar, também nomeado como Lan. O conto inicia-se com o personagem adentrando o espaço de sua antiga residência, refugiando-se por medo das possíveis consequências de um conflito que acabara de travar com um assaltante no parque da cidade. O resultado do conflito é a defesa da mulher que o acompanhava e a morte do assaltante, seguidos da preocupação com relação à consequência dos seus atos. Perturbado com os últimos acontecimentos, o personagem se volta para dentro de si mesmo e na introspecção passa a refletir sobre assuntos não resolvidos em sua vida e questões existenciais, o que acompanha a mobilidade espacial e temporal do texto, assim como a estreita sensibilidade entre o personagem e os elementos não humanos.

A antiga casa do personagem, elemento espacial e não humano, ainda que fruto do trabalho humano sobre elementos da natureza, proporciona refúgio espacial ao personagem e ao mesmo tempo mantém-se porosa às forças dos elementos e seres da natureza à sua volta, como a chuva, o vento e os pássaros, que coincidem ou estão em sintonia com os estados de espírito do personagem, vivenciados espaço-temporalmente de modo intenso. A princípio, o espaço que o envolve, sua antiga casa, lhe trará um tempo recente, as recordações das últimas duas horas, e um tempo mais remoto, que remete a fatos que teoricamente ficaram no passado.

Em seguida, a experiência espaço-temporal se modificará. A narrativa ganha novo começo assim que o personagem tenta adormecer e nesta tentativa passa a vivenciar uma realidade que se situa entre o sono e a vigília, um entrelugar e entretempos, sugerindo imediatamente ao leitor a dúvida sobre o que começa a ser narrado. O final da história revela-se ambíguo ainda, e o leitor dificilmente poderá decidir se o ocorrido se deu na dimensão da vigília ou do sono, ou ambos simultaneamente. Fato é que após entrar em um estado de pré-consciência, o personagem passa a narrar a história como

³ João Uilson Vieira Filho (1986-) é natural de Barbalho-CE. Licenciou-se em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, em Belo Horizonte-MG. Atualmente é professor do Instituto Federal Mineiro onde ensina filosofia para o Ensino Médio. O escritor é cordelista, contista e apaixonado por teatro. A obra *Des/encontro* foi publicada pela Editora O Lutador em 2011, quando o escritor morava na cidade de Patos de Minas. A obra está dividida em onze capítulos, cujos títulos são, Desencontro, Tempo, Tempestade, A xícara, Isabel Fontana, A mulher, Reencontro e Despertar.

personagem idoso, outro, portanto, em relação ao início do texto, em que a narrativa chega ao leitor pela voz de um personagem narrador que demonstra vigor físico, próprio da juventude e não da velhice.

As várias vivências espaço-temporais do personagem ao longo do texto demonstram que a conjugação entre espaço, tempo e personagem mostra-se especialmente relevante para o fluxo narrativo que impulsiona o leitor. O que o personagem humano experimenta diz respeito diretamente às suas recordações – tempo e às relações com os seres não humanos que integram o espaço vivido, o que, por sua vez, intensifica as tensões textuais e questões existenciais. Daí a escolha por uma abordagem dupla. Uma que permita perceber a experiência espaço-temporal do personagem protagonista; e outra que possibilite enfocar os modos pelos quais o não humano afeta e participa do mundo humano, compartilhando ambientes e estados de espírito com o personagem.

2. Sintonias de espaço-tempo e personagem

Entre as diversas categorias teórico-literárias que acessam as narrativas, o espaço de uma obra pode ser especialmente relevante quando agencia possíveis *loci* comuns ao interior e ao exterior da narrativa; lugares compartilhados interiormente pelas ações, o sentido e a experiência dos personagens; e exteriormente, pela imagem, a linguagem e o leitor. Neste sentido, vale lembrar da afirmação da pesquisadora Cláudia Barbieri: “[...] o espaço apresentado na obra, enquanto representação, está impregnado de sentidos que possibilitam ao leitor sair da objetividade da obra e agregar outros caracteres possíveis para o que lhe foi dado a conhecer ao longo da leitura” (BARBIERE, 2009, p.116). Em detrimento da suposição de que haveria um sentido predominante impresso na narrativa pelo autor do texto, o leitor é dono de muitas chaves de leitura, entradas e saídas do texto. Chaves que, inclusive, podem vir a engendrar entradas. Isto porque, concordamos, as obras podem ser polissêmicas.

Outra categoria teórica que ganha relevo quando se trata de acessar os meandros da construção narrativa é o tempo, portador dos vetores que levam à narrativa ao futuro, ao passado, ou a profundam no agora, ou, ainda, na eternidade, simultaneidade e multiplicação dos tempos. Trata-se de categoria plural que convive com a temporalidade sucessiva da linguagem, que encadeia consecutivamente letras, palavras e frases. De tais considerações se depreende a importância das duas categorias, espaço e tempo, e o desafio de descortinar seu poder em meio às tessituras narrativas. No caso da narrativa em questão, a experiência do protagonista instiga a participação do leitor na trama da história na medida em que implica forte mudança de espaço e tempo da narrativa. Esta, por sua vez, obedece à linguagem e à escrita sucessivas, mas coetaneamente subverte-as no plano dos sentidos.

Na obra *Des/encontro* pode-se visualizar três concepções de espaço-tempo que se encontram e dialogam entre si através da percepção e vivência do personagem Lancimar. Vejamos como isso ocorre. A primeira noção de espaço-tempo tem como referente a casa onde o personagem se refugia:

AO ENTRAR NO QUARTO, fui surpreendido com as roupas fora do lugar, os livros espalhados pelo chão, um escuro assombrador e um cheiro muito forte devido a janela estar fechada. Toda a casa estava abandonada e meu velho quarto refletia este abandono. Enquanto eu caminhava pelo quarto em direção ao lugar que mais me agradava,

olhava para toda aquela desordem e via que o tempo definitivamente tinha passado. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 13)

A casa é um espaço físico, concreto, onde o enredo acontece. A casa costuma ser o lugar onde há vivências, conflitos, sentimentos de pertença, afetos. No entanto, ele se encontra só naquele espaço em que falta iluminação e ventilação. E percebe a condição de abandono da casa e do quarto. Sua percepção, portanto, é da passagem do tempo, da atuação das forças do tempo sobre o espaço da casa. O espaço-tempo no interior da casa configura um ambiente deixado a sua própria sorte, como ele, personagem, parece estar à mercê da própria sorte. Esta primeira noção espaço-temporal diz respeito à certa coincidência entre o caos espacial e a passagem do tempo que povoam o interior da casa e a subjetividade do personagem. Ele rememora outros tempos, dando mostras da pluralidade temporal. Como explicita a professora Marisa Martins Gama Khalil: “[...] o tempo converte-se sempre em pluralidades, acelerado e/ou lento, cronológico e/ou psicológico” (GAMA-KHALIL, 2009, p. 63). Aos tempos se juntam, necessariamente, o espaço, também percebido de modo plural, como espaços, sempre em um turbilhão de sentimentos confusos que o personagem vive interiormente e que, ao mesmo tempo, estão presentes no exterior de si mesmo, o interior da casa.

Complementarmente, no que toca à segunda concepção de espaço-tempo, voltamo-nos ao espaço e tempo exteriores à casa, fora da casa transitam espaço-temporalmente fenômenos que são oriundos de ações não humanas, de seres como o vento e a chuva. Estes, em dados momentos narrativos, emitem a cadência do tempo e espaço da experiência do personagem que se encontra dentro da residência. Ora intensificam-se, ora entram em ritmo suave. Nas palavras do texto:

O meu olhar foi longe, confuso, talvez ao lugar de onde saí ou, quem sabe, não tão longe, mas buscando um reflexo que me levasse para dentro de mim mesmo. Por um momento, me perdi no horizonte em minhas recordações, e vi distante se aproximar uma forte chuva. (...) O vento possivelmente era um aviso. Tudo estava nublado. O céu, aos poucos, ficava escuro e, assim, fui induzido pelo tempo a recordar das duas últimas horas, antes de deparar-me visivelmente com a desordem de meu quarto (VIEIRA FILHO, 2011, p. 13).

Desse modo, o leitor que percebeu uma sintonia e equivalência entre o interior da casa e o interior do personagem, agora se dá conta da sintonia pontilhada entre o interior do personagem e o exterior da casa, com tudo o que há nele, inclusive marcadores temporais naturais como o vento e a chuva. Em outras palavras, o espaço-tempo interior do personagem sintoniza-se, pontualmente, em certas passagens do texto, com o espaço-tempo da natureza exterior à casa. Este envia seus influxos ao personagem, tornando o ritmo do lugar interior equivalente ao ritmo do lugar exterior. Leiamos o texto: “Puxei a cortina, abri a janela e senti levemente o vento tocar meu rosto e as lembranças o meu corpo” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 13). Lan se apropria do vento e de suas próprias lembranças a um só tempo. Esta apropriação parece ser, antes de tudo, existencial. Vale lembrar de uma reflexão do filósofo Jean-Paul Sartre: “[...] possuir é ter para mim, ser o fim próprio da existência do objeto. Se a posse é inteira e concretamente dada, o possuidor constitui a razão de ser do objeto possuído. Possuo essa caneta, ou seja: essa caneta existe para mim, foi feita para mim”, (SARTRE, 2009, p. 720). As lembranças constituem o objeto que existe para a personagem naquele instante, isto é, são dirigidas tão somente a Lan e quem as traz é o vento.

Passo a passo, o autor constrói um personagem solitário que, paradoxalmente, está constantemente em relação com algum existente, humano ou não humano, seja por meio da memória, pelas ações do tempo presente e futuro, ou pelo espaço que vivencia. De acordo com o estudioso Oziris Borges Filho: “O ser humano se relaciona com o espaço circundante através de seus sentidos. Cada um deles estabelece uma relação de distância/proximidade com o espaço. Portanto, efeitos de sentido importantes são manifestados nessa relação sensorialidade-espaço” (BORGES FILHO, 2009, p. 169). É possível afirmar, novamente, que o processo de introspecção e rememoração que o protagonista experimenta, cujo gatilho foi a fuga do parque, é motivado sensorialmente pelo espaço-tempo que habita o exterior da casa. Do exterior vem os influxos do tempo-espaço da natureza sobre o personagem, possibilitando-lhe situar-se no tempo, “[...] os primeiros pingos tocavam o chão uns mais rápidos, e outros depois de escorrer sobre o alpendre de madeira. Sobre o teto, a água escorria livremente, numa sonoridade rítmica e suave”, (VIEIRA FILHO, 2011, p. 23). Os pingos marcam o tempo naturalmente, como se fossem os ponteiros de um relógio, e assim ele percebe a existência.

Além das percepções sensíveis, há, no texto, algumas passagens que tratarão mais abstratamente dos conceitos, como uma reflexão do personagem sobre as estações do ano que corrobora o vínculo entre o lado de fora da casa e a vida psíquica, desta vez estendendo o vínculo a todos os viventes. Lembrando que as estações obedecem ao movimento sucessivo da passagem do tempo, leiamos o respectivo trecho: “Os pingos d’água anunciavam o fim do verão que deixara marcas esturricadas na vida das pessoas. O inverno por ali, no lugarejo, era ou deveria ser o alívio de muitos” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 23). Novamente é possível notar uma significativa carga existencial na afirmação acima. A narrativa toda, de fato, é salpicada por aprofundamentos existenciais dos sentidos, ora com ênfase na sensibilidade, ora na razão.

Em nova ponderação sobre as estações, ainda em tom de reflexão existencial, o leitor a seguir vislumbra o tempo da vida vegetal transferido para a existência humana, estreitando os laços entre os humanos, a natureza e a existência:

Inverno e verão sempre foram as estações mais bem definidas naquela região. De tão extremas que são, acabam por sufocar a primavera e o outono. Quase ninguém notava o desabrochar das flores e o cair das folhas. A vida em seu começo e fim passava despercebida. O seco e o verde só eram vistos no verão e inverno. Os olhares não viam com clareza a beleza existente entre o viver e o morrer. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 23)

O trecho parece referir-se metaforicamente às mediações e extremos dos processos e relações que se vive, fazendo notar que a escala de cinzas que se situa entre os extremos das situações humanas muitas vezes são ignoradas em detrimento da ênfase nos polos extremos— sim e não, bem e mal, luz-trevas -, como se a vida não fosse, muito pelo contrário, exatamente o processo cinzento, com sua paleta de nuances.

Em seguida, surge novamente a manifestação de um fenômeno natural, a tempestade, que traz o medo, o caos e a morte à pequena cidade. O elemento não-humano, agora, determina o tempo e o espaço das pessoas do povoado, ao mesmo tempo que a tempestade se torna moral:

Aterrorizante era saber que o perigo estava em todos os lugares, dentro e fora das casas, em toda a cidade e dentro das pessoas. Os indivíduos de má-fé, antes considerados bonzinhos, saqueavam as

bodegas, arrombavam as casas, matavam, estavam desgovernados, fora de si ou, quem sabe, somente ali na ruína, se mostravam sem farsas, como verdadeiros animais selvagens, lutando por sobrevivência. As pessoas, crescidas juntas, trombavam-se nas ruas como se fossem desconhecidas. O povoado estava por completo desfigurado. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 24)

A situação caótica externa pinta com cores fortes as sensações do personagem no interior da casa, quando, então, resolve adormecer como modo de proteger-se da cruel realidade exterior. A gravidade da situação se acentua dada a ameaça da represa da cidade ruir a qualquer momento. Entretanto, diferente de dormir, Lan mantém-se na pré-consciência, no intervalo entre a vigília e o sono. Nessa condição passará a experimentar a terceira concepção de espaço-tempo presente no texto.

A terceira acepção de espaço-tempo diz respeito ao movimento de conversão ao futuro espaço-temporal. Ocorre quando a narrativa se lança ao tempo-espaço do futuro do personagem e o faz de modo que o leitor a acompanha sem prevenções. O personagem passa a agir no futuro, mas um futuro que teve como passado uma outra versão, diferente do passado que a personagem carrega desde o início da história. Este, refere-se principalmente ao fato de o protagonista ser autor da morte de um assaltante, ao defender sua companheira enquanto caminhavam pelo parque. No passado que se vincula ao futuro para onde a narrativa se lança, quem morre é a mulher, Iaga, sua amada, e não o assaltante. Como afirma o teórico Yves Reuter (2007) ao tratar das funções do espaço na obra narrativa, “[...] o texto, em incessante vaivém, vai misturar as remissões ao nosso universo, acabando por deixar imprecisas ou confusas as referências, ou ainda modificando, em cada ida ou vinda, alguns elementos”, (REUTER, 2007, p. 53). A reflexão do teórico, somada à viagem no tempo de nosso personagem, demonstra que também a função espacial opera mudanças textuais, revelando que, a rigor, tempo e espaço são conceitos que devem ser pensados sempre em relação. Ao que o tempo se modifica, o espaço também o fará e se o espaço se altera, o tempo também será outro.

O que abre a narrativa para a conversão ao futuro é o fato de Lan entrar em estado de pré-consciência e posicionar-se no interstício que há entre o sono e a vigília. Acomoda-se em sua cama: “Eu agora em outro mundo, distante de todos e até de mim mesmo, refugiava-me na lerdeza do sono, entre o consciente e o inconsciente. Num estado pré-consciente” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 25). Vale ressaltar que para Sartre (2009), a consciência não-tética seria aquela que se encontra no estágio pré-reflexivo. Segundo o pensador “[...] a consciência não reflexiva torna possível a reflexão: existe um cogito pré-reflexivo que é condição do cogito cartesiano” (SARTRE, 2009, p. 24). Embora o filósofo esteja afirmando que a reflexão se dará no estado reflexivo em que a consciência se posiciona, na narrativa ela vai acontecer em ambas, pré-consciência (consciência não reflexiva) e consciência.

Posicionado nesse território diáfano, entre a consciência desperta e o adormecimento, o personagem vê a si mesmo atravessando um corredor escuro. Como se pode ler: “Sem estagnação, à medida que avançava em meio ao corredor escuro, assumia a minha história, as dores e os prazeres, tristezas e alegrias e, passo a passo, ora segurando nas paredes, ora a passos firmes, eu ia experimentando a existência” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 26). O trecho concretiza o momento em que a narrativa se dirige a outro tempo da existência do personagem.

A solução narrativa para a passagem a um outro tempo está emblematicamente representada na travessia espacial do corredor. Por conseguinte, o leitor, como o personagem, irá experimentar essa outra temporalidade, que traz consigo nova espacialidade. Ou, retomando as palavras de Reuter: “[...] o texto construirá um universo completamente imaginário, um outro mundo possível, mas de maneira tão precisa, tão detalhada, tão realista, que também nós chegaremos a acreditar nele” (REUTER, 2007, p. 53). Neste sentido, a mudança espaço-temporal provoca a mudança material do mundo de modo rigoroso, em cada detalhe, em cada meandro.

O novo tempo corresponde ao tempo da velhice do personagem e o novo espaço, também uma casa, diferente da primeira, demonstra-se aconchegante e misteriosa. O narrador modifica-se, agora se trata de uma narrativa em terceira pessoa. O trecho a seguir fornece pistas para que o leitor vislumbre o novo ambiente do interior da casa:

Na casa em frente à lareira acesa está um ancião sentado em uma poltrona antiga e lendo um pequeno livro que ele mesmo escrevera. Perto dele encontra-se um tabuleiro de xadrez pronto para começar o jogo. Uma linda melodia toca suavemente o corpo do velho leitor (VIEIRA FILHO, 2011, p. 29).

A julgar pela citação acima, aumentam as chances de empatia entre o ancião e o leitor, afinal ambos são leitores. No exterior desta casa, por sua vez, se encontram árvores, crianças que brincam e pássaros que cantam. A chuva incessante, uma garoa, alude à agitação do velho personagem, ela também incessante. Quando consegue se acalmar, se entristece, em dissonância com a alegria infantil do exterior. Em meio a sensações em relação ao interior e ao exterior da casa, Lancimar vai receber uma jovem chamada Isa, que, desesperada, toca sua campainha em busca de abrigo da chuva.

No interior desta terceira faceta do espaço-tempo, como já observado anteriormente em outras passagens textuais, o leitor encontra reflexões ou, ainda, questões racionais e existenciais, como ocorre logo após a chegada da moça. Desconfortável e temendo incomodar, após tomar uma xícara de café oferecida pelo anfitrião, a jovem decide partir. A xícara de café parece aludir à possibilidade, através da experiência do paladar, de percepção diferenciada do espaço, uma vez que “[...] esse é o sentido responsável pelas sensações de doce e amargo e todas as nuances que se situam entre esses dois pólos” (VIEIRA FILHO, 2009, p. 182), no entanto, em nosso enredo, o sentido do paladar da jovem não é suficiente para estimular que fique no espaço interior da casa. Trata-se de momento especial da narrativa, em que o texto ficcional traz um instigante questionamento sobre a relação entre os humanos, o espaço e o tempo. Vale transcrever o respectivo excerto:

- Eu não entendo minha jovem, como alguém não pode ficar em um lugar onde nem sequer chegou, onde nunca esteve antes e o rejeita sem ao menos experimentá-lo. É muito cômodo correr sem saber para onde. Fugir acreditando se esconder da razão e dos sentimentos. Eu não entendo como a indecisão determina tão intensamente a nossa vida, nos privando, muitas vezes, de vivê-la, de fazer de um pequeno momento um grande momento ou simplesmente o momento. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 38)

A indecisão mencionada, que também pode ser compreendida como a decisão de não experimentar espacialmente algo diferente e não criar um novo tempo, é o cerne do questionamento que o velho lança para a jovem e para o leitor.

O encontro das subjetividades dos personagens demora um pouco a acontecer, mas se anuncia em várias reflexões explícitas no texto. Vale retomar outros trechos que, como a passagem acima, testemunham que o texto ficcional está entremeadado de perguntas, reflexões e especulações existenciais não ficcionais, que afetam leitores reais. É possível afirmar, então, que se trata de um texto misto, em que os conceitos promovem sentimentos e as sensações levam a conceitos:

Dois tempos distantes próximos pelas circunstâncias, íntimos, no mesmo contexto, em realidades diferentes. O sol e a lua, o espaço. Prisão e liberdade, a vida. A fortaleza frágil de existir. O homem e a mulher. O encontro do velho com o novo, a vida. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 32)

Era como se os tempos, o cronológico e o fenomenológico, despercebidamente, estivessem conversando, perdidos, descontrolados em si mesmo e em um único espaço. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 39)

O encontro de personagens também significa, então, o encontro de seres contrários notáveis, como o sol e a lua, o homem e a mulher; e condições contrárias, como prisão e liberdade, o velho e o novo. Cronômetro e fenômeno juntos, embora guiem tempos diferentes, eles também podem se encontrar e conversar, sem perderem a qualidade da pluralidade. O estudioso da de filosofia, professor Benedito Nunes afirma: “Quando falamos do tempo, as coisas se embaralham porque não podemos enfeixá-lo num conceito único. A ideia de tempo é conceitualmente múltipla; o tempo é plural em vez de singular” (NUNES, 1995, p.23). Podemos afirmar que os trechos transcritos acima constituem-se em uma digressão filosófica da narrativa, que colabora para a densidade da breve história do personagem.

A partir da conversa dos personagens, que se desenvolve de modo lento e intercalado de silêncios dada a reserva do ancião, o texto, na sequência narrativa, revelará que a jovem é neta de uma grande amiga do protagonista, Isabel. Lan se lembra perfeitamente da amiga e demonstra que a conhece proximamente e por ela tem grande consideração. O presente passa a ser novamente inundado pelo passado por meio das lembranças do velho personagem. E vejamos o que ocorre com o espaço no momento das recordações a partir do pensamento de Nunes: “A sensação atual desencadeava imagens vivas da lembrança espontânea, trazendo de volta, como se o presentificasse, um trecho do passado do narrador, com o espaço que o circundara” (NUNES, 1995, p. 61). A consideração teórica transcrita permite compreender que presentificar o tempo implica presentificar o espaço, princípio difícil de compreender. Dando continuidade à história, Lancimar acompanhará à moça até a casa da avó e lá, ao encontrar a amiga de longo tempo, viverá novo fluxo de recordações. O salto do espaço-tempo que o levou à velhice ainda lhe preparará algumas surpresas.

3. Compartilhamento da vida: o humano e o não humano

Vale lembrar que o personagem Lancimar se refugia em sua antiga casa e ao leitor não é dado saber exatamente em que cidade acontece a história, apenas é possível saber que o incidente ocorrera no parque da cidade em que mora:

Fomos surpreendidos por um homem de branco, magro e alvoraçado. O sujeito dirigiu-se a Iaga com estranha agressividade e, no ato de protegê-la, puxei-a segurando em seguida os braços compridos do sujeito. Este nos surpreendeu com uma arma de fogo, um trinta e oito aparentemente. Distante da razão, numa briga infinda, como dois animais na disputa por uma fêmea. Um tiro. O desconhecido foi atingido por sua própria arma. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 19)

Por causa do ocorrido, como dissemos no início de nosso texto, o personagem começa a examinar muitos acontecimentos vivenciados ao longo da sua vida. Supomos que talvez esse tenha sido o motor que o levou a viajar para outro tempo, sua velhice. Enquanto na primeira parte da narrativa, que é feita em primeira pessoa, o assaltante é baleado por Lan no esforço de proteger sua amada Iaga, e o casal de namorados se salva; no tempo da velhice, o protagonista se lembra da morte da mulher que amava, Iaga, revelando ao leitor outro desfecho para esse acontecimento, que, mesmo com a vivência de casamento posterior, dividiu para sempre o percurso de sua vida. Aos cinquenta e poucos anos, ficou viúvo (2011, p.80) e a morte de sua esposa, semelhante à de Iaga, ocorreu em um assalto.

Entretanto, interessa-nos, agora, compreender como os agentes não humanos que habitam o espaço-tempo participam da trama narrativa humana, e parecem acompanhar os percalços existenciais do protagonista. Encontra-se no texto a percepção da temporalidade/efemeridade da vida a partir dos elementos mais singelos da natureza, como o desabrochar das flores, o cair das folhas em sua fugacidade, os pingos da chuva, a força do vento e da tempestade. Nesse sentido, são os seres e/ou fenômenos não humanos que estão afetando a sensibilidade do personagem e do leitor para os aspectos do viver e do morrer.

O referido espaço da natureza ocupado por seres e elementos não humanos é especialmente delicado, sua presença concede à narrativa a ocasião para a percepção de que, para além da tragédia da vida pela qual passa Lan, há vida no exterior, pulsando e se multiplicando, independente do humano. Segundo o pesquisador Luc Ferry “[...] o homem pode decidir atribuir um certo respeito a entidades não humanas” (FERRY, 2009, p. 223), respeitadas se mostram as narrativas que relativizam, descontroem ou invertem a lógica antropocêntrica, exigindo que o leitor também saia de si e olhe para os que com ele compartilham a vida. Uma afirmação de Leonardo Boff é especialmente eloquente neste sentido: “[...] os seres interagem sem razões de sobrevivência, por puro prazer, no fluir de seu viver” (BOFF, 2011, p. 110). E, é nesse fluir, no devir do espaço-tempo, que Lancimar interage com os pingos da chuva, o vento, a tempestade, a paisagem que vê pela janela, os pássaros, as árvores, o céu escuro e a mudança de temperatura. Leiamos os seguintes excertos textuais:

Do lado de fora da casa, olhando pela janela, é possível ver as crianças brincando na rua. Brincando na chuva. (..) Dentro e fora se ouve com clareza o cantar dos pássaros, mesmo quando o tempo está nublado. A vida vagarosamente passa (VIEIRA FILHO, 2011, p. 29).

[...] o barulho da chuva ditava o ritmo. As crianças lá fora brincavam com a suavidade dos instrumentos naturais e, harmoniosamente, ali, os dois dentro da casa” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 40).

A partir do interior da casa é possível ao personagem perceber a vida não humana autônoma que compartilha a existência com o humano, e multiplica os sentidos humanos do estar no mundo. O não humano pode ser lido como contraponto ao ensimesmamento e à importância que se dá a si mesmo, é exatamente isso que o personagem faz, dá primazia às ações humanas portadoras de valores. Ferry observa que, diversamente, na natureza não há valores. Em suas palavras: “É preciso admitir que a natureza tomada como um todo não é “boa em si”, que ela contém o melhor e o pior. Aos olhos de quem?, irão perguntar. Do homem, bem entendido, que continua sendo, até que prove em contrário, o único ser suscetível de emitir julgamentos de valor (FERRY, 2009, p. 226).” A vida pode acontecer sem ou com o personagem, como a vida pode acontecer com ou sem o leitor, e não há, em nenhuma das situações, o bem ou o mal da perspectiva da natureza, talvez esteja aí um ensinamento a ser apreendido com a leitura do texto.

O texto vem demonstrando a equivalência existencial entre seres humanos e não humanos como, por exemplo, quando o texto afirma: “O relógio na parede marcava os segundos e o sabiá uma vez ou outra proferia o seu canto” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 53). O excerto parece indicar que o espaço-tempo pode ser medido pela máquina ou pelo canto do animal, estranho paralelismo cujas linhas podem a qualquer momento se encontrar no humano, que é misto de animal, vegetal, terra, fogo, água e máquina (ser máquina tem sido intensificado nestes tempos pós-humanos). O sabiá aparece quando o personagem conta a Isa sobre o tempo da meninice:

- Sabiá – disse ele – nesta região por esta época tem muitos. Sabe Isa, eu costumava acordar com este canto. O meu pai dizia “olha o sabiá, tá na hora Lan”. E, ao me acordar, ele realizava a minha vontade de seguir em direção ao nascer do sol e explorar o horizonte. Algumas manhãs, ainda criança, logo que eu acordava, ele me colocava no cavalo e seguia lentamente, mostrando-me tudo o que via. Eu nunca sabia para onde íamos e nem a que horas tínhamos de voltar. Mas foi um tempo bom. Gosto de ouvir o canto do sabiá. (VIEIRA FILHO, 2011, p. 53)

Ao que indica a citação acima, o não humano deflagra a temporalidade da existência humana, essa relação, aparentemente de pouco valor, entretanto, confirma a necessidade de o leitor, assim como qualquer humano, reconhecer-se contemporâneo dos não humanos em um tempo-espaço planetário cujo cronometro, em decréscimo, marca o final do tempo da vida, advento da destruição dos seres naturais.

Talvez o canto do sabiá tenha soado o ritmo que possibilitará o encontro entre os dois personagens, pois será, imediatamente em seguida, que o texto dará mostras da proximidade entre eles. Esse é o momento em que finalmente o velho se abre para a jovem. A partir desse ponto, o texto demonstrará que a conversa dos dois personagens se estende, primeiramente é o velho quem mais fala de si, em seguida, passa a vez para a jovem: “O velho Lan pensava nas possíveis palavras da jovem Isa e esperava. Agora ele já conseguia reduzir o seu tempo ao tempo dela e ambos não tinham mais pressa” (VIEIRA FILHO, 2011, p. 54-55). O que se segue é a revelação de que Isa é neta de Isabel Fortunata, uma viúva, velha amiga de Lan. A moça também explica o motivo de ter batido à porta, isto é, a fuga causada pela briga com sua avó após revelar sua gravidez à anciã. O personagem idoso, anteriormente apresentado como leitor pela narrativa, continuará a narrar sua própria história. E o fará em um quarto suspenso,

acessível por uma frágil escada, local em que guarda seus livros e que, segundo Isa, não parece fazer parte da casa (VIEIRA FILHO, 2011, p.61).

Dada a inquietação da jovem, Lan, preocupado, leva-a à casa de sua avó Isabel, ocasião de reencontro dos velhos amigos e de muita conversa. A imagem de Isa muito bem recebida pela avó, Lan e Isabel felizes por se reencontrarem e Isa, muito mais tranquila, compõe o novo ambiente da narrativa. Cedendo à insistência da amiga, o personagem protagonista aceita ser acolhido, por esta noite, em um dos quartos da casa de Isabel. O que se segue é realmente muito curioso, o texto narra que: “Acordado ou dormindo chegou ao quarto, entrou, fechou a porta e dormiu (VIEIRA FILHO, 2011, p. 85). Em seguida, há uma nova mudança na voz que nos conta a história, e o narrador em primeira pessoa ressurgue:

No dia seguinte, lá estava eu estendido na cama, como se eu tivesse dormido a vida toda. (...) Deitado, não via e nem pensava em outra coisa senão na proximidade entre o sonho e o real. Não mais sabia se eu estava dormindo ou acordado. Até perceber como tudo aconteceu e como cheguei ao quarto.

Entre o jovem e o velho, entre a sonolência e a lucidez, entre o sonho e a realidade havia uma vida, uma história e eu era parte de tudo isso. Foi então que abri os olhos, me levantei e fui até a janela. O lugarejo não era o mesmo. Tudo estava mudado e eu, com minha idade, não precisava mais me esconder, parei de fugir e, simplesmente, permaneci no quarto, no meu antigo quarto, de lá era possível ver longe e eu gostava disso [...]. (VIEIRA FILHO, 86-87)

As perguntas do leitor emergem em profusão: houve uma viagem no tempo? Ou o que se passou foi uma experiência tão somente onírica? Se houve viagem, por que o jovem retornou velho? Se houve sonho, a seguir a ordem narrativa, quando Lan dorme na casa de Isabel passa a sonhar dentro de um sonho? Esse sonho teria sido do jovem que salvou a bela Iaga do assaltante? Se assim é, por que não acordou jovem? Ao chegarmos ao fim da narrativa a questão se coloca de outro modo. Se quem acordou é o velho, então a experiência onírica é do velho que sonhou que era um jovem que situava-se entre o sono e a vigília? Ou a experiência é de ambos, personagem velho e personagem jovem? E se é assim, como é possível?

O texto mantém a ambiguidade até o fim, Iaga terá sido salva ou morta? Quem é a esposa de Lan e por que sua morte se dá, coincidentemente, em um assalto? O narrador conta a história posicionado naquela casa misteriosa, rodeada de árvores, à frente da qual se estende um amplo espaço, tapete verde em direção ao horizonte em que os não humanos, fenômenos e seres naturais, que estão situados no exterior da casa, nela interferem ou, ainda, cujos eflúvios atravessam paredes, para habitarem também a subjetividade do personagem e do leitor. Para habitarem, além do espaço, também o tempo. Ou digamos diretamente: para habitarem espaço-tempo do personagem. Residiria aí um modo do humano reconhecer para si mesmo que, em sua existência, está irmanado aos não humanos?; e inculir em si o devido respeito em sua relação espaço-temporal com os não humanos? Ao leitor é dada a suspeita e a imaginação. E a certeza de que as questões que envolvem Lancimar são as mesmas questões que envolvem o humano no antropoceno. Outro modo de dizer que a literatura está mais que atenta aos problemas contemporâneos do planeta.

BIBLIOGRAFIA

BARBIERI, C. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, O. **Poéticas do espaço literário**. São Paulo, SP: Editora Claraluz, 2009. Cap. 7, p. 105-127.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2011.

BORGES FILHO, O. Espaço, percepção e literatura. In: **Poéticas do espaço literário**. São Paulo, SP: Editora Claraluz, 2009. Cap. 10, p. 167-208.

FERRY, L. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

GAMA-KHALIL, M. M. Espacialidades geradoras da ambientação fantástica em A invenção de Morel. In: **Poéticas do espaço literário**. São Paulo: Editora Claraluz, 2009. p. 63-74.

NUNES, B. **O tempo na narrativa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

REUTER, Y. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narrativa**. Tradução de Mario Pontes. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

SARTRE, J. P. **O Ser e o nada: ensaio de Ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigo. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VIEIRA FILHO, J. U. **Des/encontro**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2011.